

José Sebastião Pinheiro

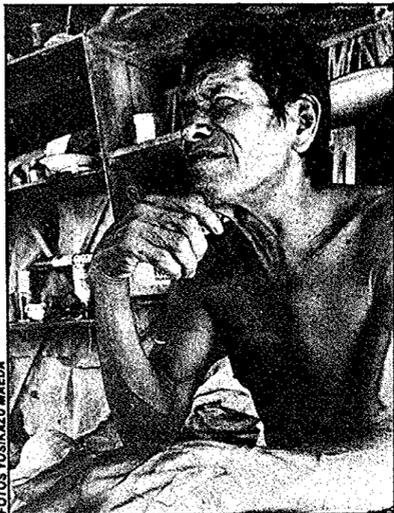
**T**ODO dia era dia de índio" — esse trecho de uma música de Jorge Ben, cantada por Baby Consuelo diz exatamente do triste e lamentável quadro do índio brasileiro que, via de regra, está tentando sobreviver a duras penas contra todos os males da civilização que o tem encurralado inexoravelmente, esquecendo que essa raça nativa da Terra de Vera Cruz é, queiram ou não, a verdadeira dona dessa imensidão territorial. O problema do índio brasileiro tem sido um tema sempre em pauta, onde a polêmica, na maioria das vezes, é excedente à preocupação concreta de se resolver alguma coisa em seu benefício. Enquanto uns apóiam o agrupamento de tribos inteiras em reservas fechadas sob domínio de órgãos afins como a Funai, outros, não poupam críticas à "verdadeira dizimação de um povo que a civilização branca está efetuando criminosamente". A exemplo do que vem ocorrendo em todo o País, a comunidade indígena de Goiás vem sofrendo sensíveis diminuições, mas forçada por circunstâncias de influências externas que por vontade própria. Ela perde, inclusive, a cada dia que passa, a noção de liberdade que por muito tempo teve como limites as matas virgens, os rios, o luar e a desobrigação de adotar comportamentos formais e incômodos.

É triste também, ver hoje a situação em que vivem os índios karajás de Aruanã, às margens do badalado (e traiçoeiro) Rio Araguaia. Bem lá onde o não menos famoso Rio Vermelho desemboca produzindo cenas de rara beleza, quando as cores das águas de um se misturam com as do outro. É e contemplando essa e outras belezas que o Araguaia descortina para os olhos de vislumbrados turistas que o ex-cacique Jacinto relembra os "bons tempos" de sua gente. Bons tempos que, lamentavelmente, jamais voltarão, graças à ação destrutiva do homem branco e à sua desmedida ambição de ter sempre mais e mais, mesmo que para isso tenha que forçar a extinção dos primeiros habitantes do Brasil. Como o karajá Jacinto, muita gente que ainda se preocupa com a comunidade indígena, não consegue entender a incompreensão que reina e a desconsideração por essa gente que, como já ficou provado, só quer viver livremente. Viver como faziam há algum tempo atrás: nus, sem horas pra nada, pescando nos rios o peixe para o sustento de suas famílias; caçando nas matas e realizando velhos rituais hoje pouco lembrados pelos mais velhos e ignorados pela nova geração indígena que já cresce com hábitos, vícios e males da civilização. Civilização que sequer respeita a índole de um povo, taxando-o, simplesmente, de "preguiçosos" ou "sujos e imundos que só sabem mentir", esquecendo-se de que esse comportamento foi trazido pelo branco.

O ex-cacique Jacinto Mauri — o primeiro nome é de branco e o segundo é indígena — diz que é de 1920, assim como pode ser de outro ano qualquer e sobre o seu povo, só depois de muito papo é que resolve falar alguma coisa. Apesar de demonstrar estar vivendo bem, é difícil esconder o semblante de nostalgia quando alguém toca em assuntos que falam fundo no coração (Índio também tem coração e seus sentimentos são iguais aos do homem branco). A primeira coisa que Jacinto se apressa em esclarecer é que ele não é e nunca foi o cacique da aldeia karajá de Aruanã: "O pessoal diz que sou o chefe, mas eu não sou chefe de ninguém. Acontece que antes, o chefe era o Cacique Capichano, pai de minha mulher, quando aqui ainda era uma aldeia, mas depois que ele morreu o meu tio, o Domingão Karajá, ficou sendo o chefe e com a sua morte, a aldeia já desarrumada, o pessoal ficou me chamando de chefe, mas não sou não". Já nas ruas de Aruanã, alguns moradores têm outra versão. Eles dizem que Jacinto deixou de ser o chefe da aldeia karajá porque bebia muita cachaça, ao que ele retruca com veemência: "Enquanto me obedeciam, mesmo sem ser chefe, eu resolvia todo problema de aldeia: se era preciso fazer cerca, plantar, fazer casa, eu falava e todo mundo atendia, mas agora ninguém me obedece mais, é cada um por si, cada casa tem um chefe e quando o problema aparece não tem quem resolve".

"Todo dia era de índio", mas hoje não é mais. Enquanto Jacinto falava, a mulher Lídia Dicuria ("não sei como escreve")

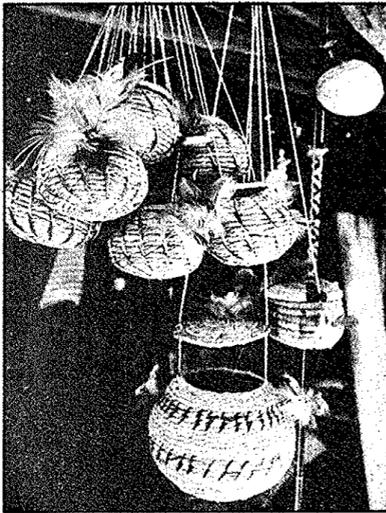
## JACINTO MAURI, O KARAJÁ QUE NÃO QUER SER CACIQUE E A LUTA CONTRA O EXTERMÍNIO



Jacinto Mauri: vivendo como branco e com saudades dos tempos em que vivia como karajá



Lídia Dicuria, a esposa de Jacinto, fazendo uma miniatura de canoa para ser vendida a turistas

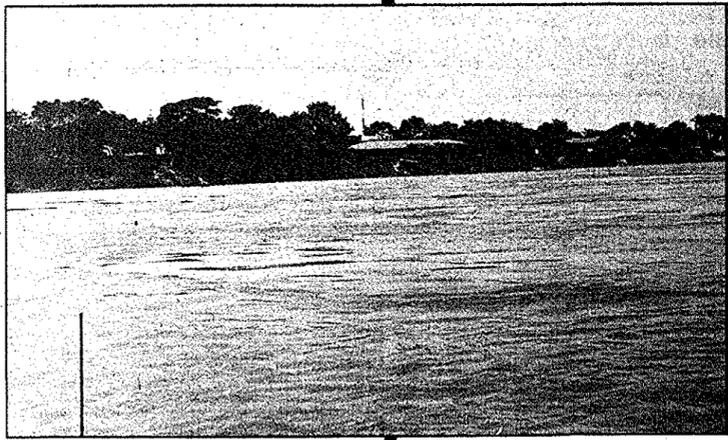


A principal atividade dos poucos karajás que restam em Aruanã é o artesanato indígena



A nova geração fica entre a cruz e a espada: de um lado, os resquícios da cultura indígena; de outro, a civilização branca

CADERNO  
**2**  
Editor: Paulo Beringhs



As belezas do Araguaia hoje são compartilhadas com o homem branco que vai encurralando os últimos inãs

estava a confeccionar uma miniatura de canoa para aumentar o estoque de artesanato indígena, pois a temporada desse ano já está começando e, como diz o ex-cacique, os turistas compram tudo que fazem. Mas, a atenção de Lídia era interrompida quando, no meio da conversa em português, ela, Jacinto e mais algumas crianças entabulavam breves e incompreensíveis diálogos na língua karajá que não imaginávamos nem de longe do que se tratava. "Todos aqui falam o karajá e língua de branco", explica Jacinto que, reticente, não traduz o que falavam entre eles, só alguns risos e até cara feia. Voltando às lembranças de Jacinto Mauri, ele diz: "Todo karajá mora na beira dos rios, mas a gente não era conhecido com esse nome, nossa raça era chamada de inã, o nome karajá foi dado pelo branco. O que significa esse nome? Inã quer dizer gente, para nós, todo mundo é inã".

Da aldeia karajá de Aruanã, hoje só restam seis famílias e umas trinta pessoas, como diz Jacinto. E pouca coisa lembra que ali fora a sede de uma tribo que, antes de mais nada, amava as águas e as riquezas que elas ofereciam. As casas, ao contrário das barracas construídas totalmente de palha e madeira, agora ostentam sinais da civilização: telhas, adobos e até portas. Os utensílios também não fogem à regra: panelas de alumínio, talheres e, incrível, fogão a gás. Sim, quem só se servia da lenha para cozinhar suas comidas, agora está comercializando a produção artesanal em troca do gás caríssimo. Jacinto fala que eles ainda caçam e pescam, mas a subsistência mesmo só é possível com pequenas plantações e com a venda do artesanato indígena que fazem, principalmente nos meses de junho, julho e agosto.



No lugar das flechas, objetos que nada têm a ver com as origens karajás

E as crianças, ainda com as características da raça karajá, são quase todas alunas da civilização: na escola e na vida. Há adultos que trabalham na cidade em atividades de branco, como servente de pedreiro, entre outras. Chega a ser deprimente o estado em que vivem os últimos karajás de Aruanã: muita sujeira, muito abandono. Jacinto Mauri, apesar disso tudo, diz que prefere viver como está do que em reservas: "Fui no Bananal e não gostei, tudo lá é muito fechado, tem muita gente, aqui eu vivo sossegado". E nem as tristezas desse ex-cacique que nega essa condição, são suficientes para fazê-lo pensar o contrário, mas ele fica muito chateado quando alguém toca em determinados assuntos.

Assuntos que parecem lhe magoar profundamente, como a morte de uma de suas filhas de criação que se suicidou por causa de um rapaz de Mato Grosso deixando uma filhinha. Jacinto diz que ela morreu de "doença forte" e não gosta quando falam que foi suicídio. Talvez nem entenda isso, mas o certo é que ele chega a se emocionar, bem como quando relembra fatos de sua juventude. "Hoje a gente como branco" — conta Jacinto — "mas, quando a saudade aperta a gente assa um peixe como antigamente ou faz uma canjica. Essas marcas no rosto? (depois de um longo sorriso e agora já sério, ele completa explicando:) "Era uma judiação. Antigamente, quando os homens completavam 13 anos e as mulheres 12, os mais velhos marcavam o rosto da gente". Ele conta que essas marcas eram feitas com faca, tinta qualquer (até de carvão) e água de jenipapo, ingredientes que não deixam as marcas desaparecer nunca mais. Feitas a faca e sangue, Jacinto Mauri é, junto

com os mais velhos, um dos poucos que ainda possui as rodela no rosto ("bola na cara"). Jacinto e Lídia não têm nenhum filho, mas criam várias crianças de outros índios, "netos e sobrinhos", como falam.

Amigo de José Mauro Vasconcelos (autor de *Rosinha, minha canoa, Meu pé de laranja lima, Kuryala*, entre outros, Jacinto diz que ficou triste quando soube que o escritor estava doente. Depois de trocar algumas palavras em karajá com a esposa, arrematou: "Então, ele não deve vir pra cá esse ano. Todo julho ele vem, banha, pesca e caça com a gente e dá muitos presentes para os índios". Mas, os crimes que a civilização comete não só culturais, os karajás estão espremidos hoje numa pequena área que se confunde com a própria cidade. A casa de Jacinto, por exemplo, está próxima de um grupo escolar de Aruanã e ele conta que o seu povo recebeu do Governo, há alguns anos, uma área de dois alqueires, dos quais só restam "quatrocentos metros de cada lado, pois invadiram tudo". Nesse pedaço insignificante de terra vivem as seis últimas famílias da raça karajá e, conforme explica o ex-cacique, quase todos os dias aparecem pessoas "interessadas" em comprar o pequeno quinhão que restou. Por ser uma área muito privilegiada, principalmente quando se sabe que as terras daquela região estão supervalorizadas, tudo leva a crer que, caso não haja maior interesse das autoridades ligadas ao setor, fatalmente os poucos índios que lá vivem serão banidos para outras bandas. Ou mesmo para a morte. Jacinto conta que a Funai falou que não ajuda porque eles são poucos e a única coisa que conseguem do órgão é remédios, assim mesmo só em Goiânia. "Quando eu era rapaz, aqui tinha um Posto da Funai, mas o nosso chefe não soube aproveitar e ele foi fechado. O Governo dava muita coisa para nós todos. Os padres e os turis-

tas também davam muitos presentes, mas agora as ajudas diminuíram". Esses presentes, pelo que ficou demonstrado no papo com Jacinto, foram uma das causas por que ele deixou de tratar dos interesses dos índios: "Quando eu ganhava presentes repartia com todos, mas alguns diziam que eu ficava com a maior parte, por isso não recebo mais nada para distribuir, falei isso para os padres". Hoje, vestidos como brancos, comendo como branco e agindo como brancos, os últimos índios da extinta aldeia karajá de Aruanã não passam de atrações turísticas. As pessoas os procuram, em épocas de temporadas, para servirem de guias nas caçadas, pescarias e passeios nas praias mais distantes. Apesar de tudo, nessas atividades eles ainda são mestres. Resistirão, embora por pouco tempo, à cobiça de pessoas que querem a todo custo, comprar o pouco de terra que lhes resta. Resistirão ao extermínio enquanto estiverem conseguindo o cigarro *Continental*, a cachaça, o macarrão *Madremassas* e os ensinamentos nem sempre corretos que a civilização branca lhes transmite. Continuarão, certamente, misturando a cultura indígena com a branca, cozinhando em fogão a gás, mas bebendo água suja do Araguaia ("a cisterna desbarrancou"); caminhando nas matas como "os melhores guias", mas não mais remando durante trinta dias rio abaixo para assistirem as festas de outras aldeias karajás da Ilha do Bananal porque suas forças já não lhes são suficientes para tal. Hoje já não é mais dia de Índio. Que o diga Jacinto Mauri, Lídia Dicuria e os karajás da extinta aldeia de Aruanã.